

[informe)ieb

n. 18 | setembro.2022

ISSN: 2763-7727



Instituto de
Estudos
Brasileiros



[editorial)

O *Informe IEB* n. 18 lança um olhar atento e grave ao significado impactante que o ano corrente sinaliza para a instituição e para o país, em face da convergência de três datas cruciais para a reflexão sobre a cultura brasileira: a da celebração da Independência e a da Semana de Arte Moderna, mas também a dos 60 anos da fundação do IEB, que em 1962 era integrado às unidades de ensino e pesquisa da Universidade de São Paulo.

Para o IEB, cuja Coleção Brasileira é menor apenas do que aquela da Biblioteca Nacional, o momento é de reflexão e balanço, especialmente para a área de estudos brasileiros, pois as duas efemérides parecem ainda estar por cumprir plenamente aquilo que prometeram: colocar ao alcance de todos os brasileiros o horizonte civilizatório da tradição iluminista que prometeu nutrir a modernidade. O presente, enfim, nos impõe a tarefa árdua de prosseguir e aprofundar esta vocação do Instituto: alimentar uma área dos estudos brasileiros, pois impõe-se hoje a análise abrangente dos dilemas que se apresentam a todos aqueles preocupados com os destinos do país, uma democracia ainda jovem e com um passado republicano recalcitrante.

A história da experiência estética e cultural brasileira, em especial no século 20, é original, rica e fascinante, tal como mostraram os primeiros intérpretes do Brasil e as gerações de intelectuais e artistas que os sucederam, tão notavelmente representados no acervo do IEB. Além disso,

o país detém imensas riquezas naturais e potencialidades geopolíticas; não obstante o renitente legado de injustiça social e desigualdade, e os desafios colossais que hoje enfrenta, tais credenciais mostram que o Brasil pode pleitear e firmar lugar relevante no cenário global.

A edição atual do *Informe IEB* traz um Instituto vivamente comprometido em zelar pela preservação e valorização dessa experiência estética e cultural de que o Instituto é um dos principais repositórios no país e no mundo. Diana Vidal e Flávia Toni, cuja zelosa e frutífera gestão herdamos, nos relatam o bem-sucedido projeto de nos oferecer uma obra audiovisual apresentando de modo instigante o acervo do Instituto ao público leigo e especializado, em celebração ao aniversário do IEB. Em outro artigo, Flávia Toni sublinha a importância da aquisição do Fundo Inezita Barroso, coleção da cantora, instrumentista e folclorista, composta por discos em goma laca, discos de vinil, fotografias, correspondências, instrumentos musicais, entre diversos outros itens, e que vem consolidar uma área importante de pesquisa voltada à chamada cultura caipira e às culturas populares em nosso acervo.

Mônica da Silva Bento narra seus cuidados e desafios na lida com o acervo de livros e volumes raros originalmente pertencente a Mário de Andrade, e que forma um dos núcleos fundadores do acervo do IEB. Daniela Piantola destaca a importância do legado de Marta Rossetti Batis-

ta à Biblioteca do Instituto, uma coleção reunindo principalmente títulos sobre arte e crítica de arte. Daniela salienta o papel referencial da pesquisadora, que foi diretora do IEB de 1994 a 1998, nos estudos sobre o modernismo brasileiro, cabendo mencionar a contribuição valorosa de sua obra Anita Malfatti no tempo e no espaço, exaustiva monografia sobre a pintora modernista. Luís Armando Bagolin, Maíra Ortins e Fabrício Reiner comentam a exposição de artes visuais *Watú não está morto*, da qual foram os curadores; a mostra, apresentada na Sala Marta Rossetti Batista, foi uma das iniciativas com que o IEB compareceu ao evento *USP Pensa Brasil*, proposta pela vice-reitoria da Universidade, reunindo inúmeros especialistas do país e do Exterior para uma reflexão sobre as perspectivas do Brasil à luz da série emblemática de datas: 1822, 1922 e 2022.

Por fim, o *Informe IEB* abre espaço a Alan Wruck Rangel, pesquisador da área do Direito que passa a colaborar nos quadros do IEB graças ao apoio da Bolsa Jovem Pesquisador, concedida pela FAPESP. Nesta edição, Alan comenta o projeto de pesquisa que propôs ao Instituto – “O direito de correção do menor (1840-1930)” – com o qual esperamos incorporar o indispensável campo da pesquisa no Direito ao universo de trabalho do Instituto.

Sônia Salzstein

Diretora do IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-4430-8771>

[informe)ieb

Publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o *Informe IEB* é um boletim de acesso aberto que divulga atividades realizadas pelo Instituto e notícias ou temas relacionados a ele. Trata-se de um canal de interação entre a direção e a sociedade. Editado desde 2016, além dos textos definidos pela direção, incentiva o envio de sugestões de pauta e de textos pelos funcionários, docentes e colaboradores. São três números anuais, divulgados em janeiro, maio e setembro.

Universidade de São Paulo

Prof. dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior (reitor)
Profa. dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda (vice-reitora)

Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. dra. Sônia Salzstein (Diretora)
Profa. dra. Monica Dantas (Vice-Diretora)

Editor responsável

Pedro B. de Meneses Bolle
(chefe técnico de divisão)

Editora-executiva

Maria Izilda Claro do Nascimento F. Leitão
(supervisora técnica de serviço)

Produção

Karen Grujic Marcelja
(preparação e revisão de textos)
Flavio Alves Machado
(diagramação)



Uma publicação da Divisão de Apoio e Divulgação



Normas para publicação
Os critérios e normas para publicação estão disponíveis em: www.ieb.usp.br/informe

Contato
Instituto de Estudos Brasileiros – Informe IEB
Espaço Brasileira
Av. Prof. Luciano Gualberto, 78 - sala 13
Cidade Universitária - 05508-010 - São Paulo – SP

Sugestões de pauta podem ser enviadas para:
informeieb@usp.br



Visite nossas mídias em: www.ieb.usp.br/midias

[nova gestão)

Nova gestão do IEB: desafios e perspectivas

Passados quase três meses desde que assumimos a Direção do IEB, parecem claros dois grandes desafios para a gestão do Instituto. Em primeiro lugar, a extroversão de seus acervos, que vivem hoje situação paradoxal – a despeito dos números impressionantes, que expressam a magnitude de um patrimônio inestimável, ele é pouco conhecido no país e, para complicar as coisas, o Instituto conta com um corpo técnico competente e dedicado, mas drasticamente reduzido e insuficiente em face da complexidade e das dimensões colossais dos acervos sob sua guarda (500 mil objetos arquivísticos, 250 mil bibliográficos e 8 mil museológicos, distribuídos em mais de 200 fundos e coleções).

Não é que esta extroversão dos acervos do IEB não se dê – ela ocorre, e de modo notável e constante, porque o Instituto é intensamente procurado e objetos de suas coleções circulam mundo afora em publicações, exposições e eventos diversos. Todavia, premida por esse processo, a instituição se vê permanentemente açodada pela necessidade de responder ao monumental volume de demandas da mais diversa ordem que ocorrem diariamente ao seu arquivo, à sua biblioteca e à sua coleção de artes visuais. É dessa maneira que se veem consumidas de modo implacável a expertise e a energia de um corpo técnico altamente qualificado, que pouco pode se debruçar sobre questões estruturais, epistemológicas e conceituais que afligem tais acervos. Ademais no médio e longo prazo, tal processo pouco dialoga com o esforço de pesquisa do corpo docente do IEB, pois o regime intenso de atendimento a demandas não favorece a troca de experiências entre as equipes. Como a necessidade de oferecer resposta pontual a demandas (em geral: de reprodução de imagens de originais pertencentes a seus acervos, quando não de empréstimo dos próprios originais) é contínua, o IEB acaba tendo pouco ou nenhum acesso qualifica-

do ao processo de produção dos eventos e publicações com os quais, entretanto, colabora vitalmente; pouca ou nenhuma ascendência tem sobre tal processo, no sentido de poder marcar, enfim, uma contribuição propositiva e autoral neste acontecimento que é o da extroversão de seus acervos.

Assim, gostaríamos de propor a extroversão *qualificada* dos acervos do IEB com meta crucial de gestão, sem desconhecer a necessidade imediata de suprir as dramáticas lacunas que hoje se verificam no quadro de servidores técnicos especializados da instituição. Esta é uma reivindicação com a qual de pronto nos comprometemos ao assumirmos a direção do Instituto. Mas queremos frisar que a extroversão cultural que nos interessa é aquela que nos permitirá ultrapassar a lógica de produção massiva de eventos que domina hoje as instituições de arte e cultura em escala global – ou seja, vislumbramos para o IEB projetos de extroversão que sejam primordialmente de incentivo à pesquisa e à formação acadêmica de alto nível.

Ou seja, é preciso ter mais pesquisadores do Brasil e do exterior envolvidos de modo qualificado com o acervo do IEB, de sorte que a sociedade brasileira possa se beneficiar da produção do conhecimento que deriva dessas pesquisas. Temos em mente buscar parceria principalmente com a FAPESP, mas igualmente com outras agências de fomento à pesquisa, públicas e privadas, capazes de apoiar bolsas e residências a especialistas interessados em trabalhar com nossos acervos. Pretendemos trabalhar para projetar o IEB – tal como já se vinha discutindo há algum tempo na Instituição - como polo nevrálgico de uma rede internacional de estudos brasileiros.

Em segundo lugar, julgamos que é mais do que chegada a hora de se repensar o paradigma de aquisição de fundos que historicamente norteou as políticas do Instituto, como ademais já vem sendo discutido pelo IEB. A recepção ou aquisição de livros da área de “Estudos Brasileiros” escritos no século 20, em face das monumentais coleções já existentes na biblioteca, permanecerá sendo uma prioridade para o IEB? Não será o caso concentrar nossos esforços na aquisição de documentos

raros (ou na complementação da coleção de artes visuais, embora seja remota a possibilidade de aquisição de itens nesse setor, em face de seu altíssimo valor patrimonial, considerando o escopo histórico da coleção)? Enfim, parece-nos urgente repormos diretrizes de aquisição de obras, mormente para a Biblioteca do IEB, a partir de um amplo processo de reflexão e discussão com a equipe do Instituto.

Por fim, e não menos importante, vislumbramos uma linha de atuação do IEB em parceria com órgãos da administração pública (como ministérios, secretarias, escolas etc.) e com instituições públicas e privadas preocupados em favorecer o enquetamento de políticas públicas no país, sempre a partir da extroversão qualificada do acervo do Instituto.

Esses são desafios que dizem respeito às diretrizes acadêmicas e culturais da instituição. Há também desafios e problemas herdados à condição condominial do IEB, isto é, ligados à gestão administrativa e operacional do Espaço Brasileira. Importa assinalar que o IEB soube construir ao longo dos anos, desde que se instalou em sua sede atual, há aproximadamente dez anos, e mediante a experiência acumulada, uma excelente arquitetura institucional interna para abordar essa questão – instâncias institucionais congregando os parceiros que integram o Espaço Brasileira, e que têm garantido uma convivência eficiente e harmoniosa com a Biblioteca Guita e José Mindlin, a Edusp e o Auditório István Jancsó.

Por fim, cabe dizer, em prol de um empenho de transparência da gestão e da democratização de processos de tomada de decisão, que pretendemos prosseguir e se possível aperfeiçoar a necessária institucionalização dos processos de gestão compartilhada já praticados no IEB, como também fortalecer e aperfeiçoar as Comissões estatutárias da instituição.

Sônia Salzstein

Diretora do IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-4430-8771>

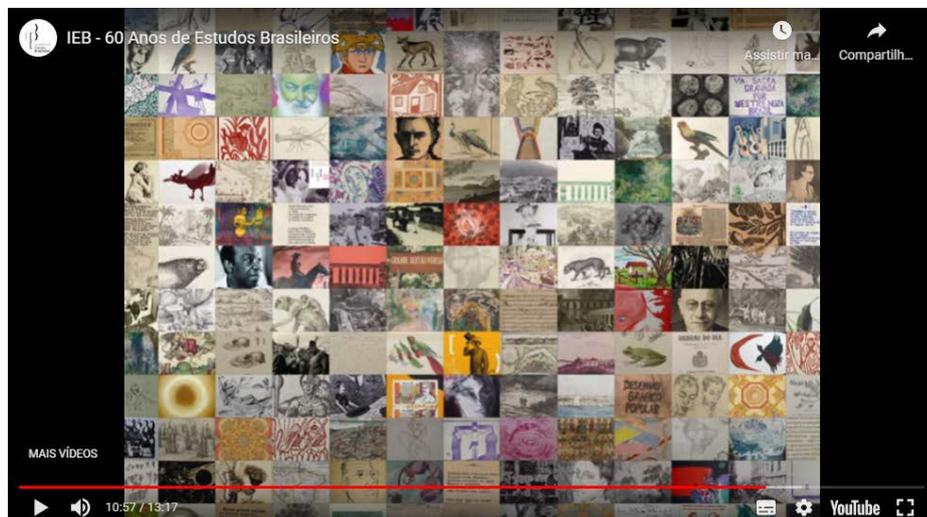
Monica Dantas

Vice-diretora do IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-1031-9408>

[60 anos)

60 anos de estudos Brasileiros: um vídeo comemorativo do IEB

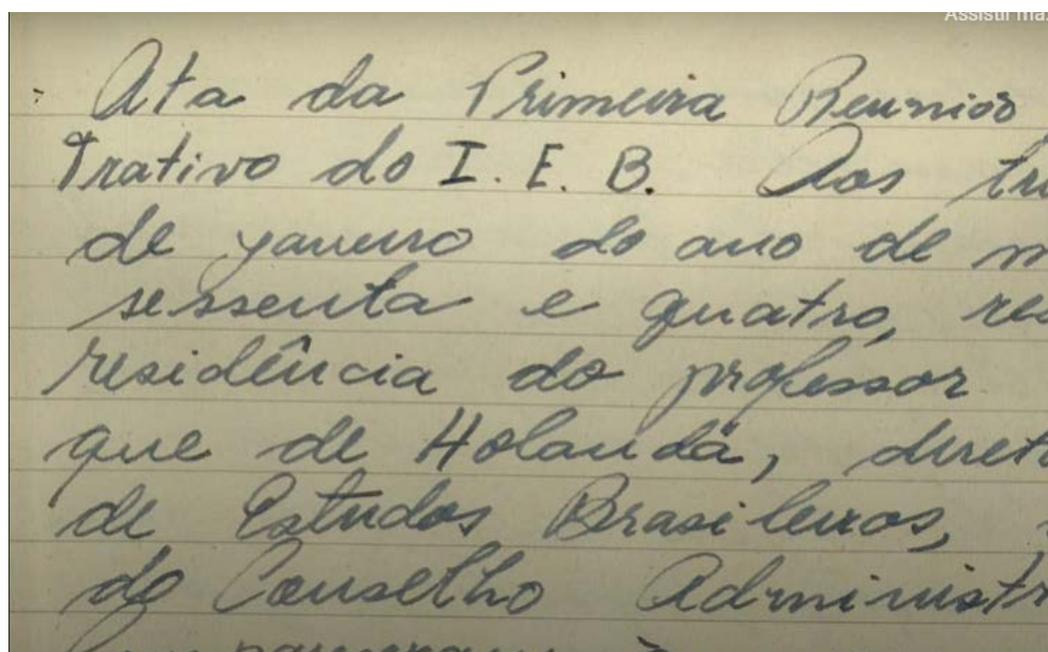


Quando Flávia e eu assumimos a direção do Instituto, tínhamos claro que 2022 seria simultaneamente o ano de nossa despedida da gestão e de comemoração dos 60 anos do IEB. Naquele momento, nem imaginávamos a torrente que viria nos anos seguintes com a pandemia, obrigando todos nós a nos reinventarmos.

Festejar esta instituição agora sexagenária impunha enfrentar alguns desafios. Inicialmente, supunha estabelecer um marco temporal. Afinal quando o Instituto havia nascido? Qual seria a data de seu surgimento? Recorrendo ao livro *IEB: origem e*

significados, de João Ricardo Caldeira, nos deparamos com algumas possibilidades: 7 de fevereiro de 1962, quando, em carta a Antonio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda mencionou o IEB e as possíveis disciplinas que por ele seriam ministradas; ou 5 de junho do mesmo ano, quando a Congregação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) aprovou a criação e o regulamento do Instituto. No entanto, nossa escolha recaiu sobre o dia 20 de junho de 1962, quando, em sessão ordinária, o Conselho Universitário aprovou a constituição do IEB. Consideramos que, a partir daquele momento, o Instituto assumiu

seu status de unidade da USP. O período anterior seria o de sua gestação até se inserir definitivamente no regimento e no estatuto da Universidade, como um órgão de integração. Foi com alegria, então, que percebemos que o aniversário viria a ocorrer ainda durante nossa gestão. E pusemos mãos à obra para organizar a festividade. Dentre as várias iniciativas cogitadas estava a produção de um vídeo que registrasse a história do IEB, de modo a demonstrar sua contribuição para a pesquisa e para a sociedade paulista e brasileira. De um lado, era preciso apresentar o acervo e as atividades que o IEB realiza; ou seja, de-



Ata da Primeira Reunião Administrativa do IEB/USP



monstrar o dinamismo institucional que entrelaça passado, presente e futuro. De outro lado, era importante mencionar a todos os docentes e servidores que atuaram na instituição nesses 60 anos. No que concerne ao primeiro objetivo, procedemos à contratação da produtora A Flor e a Náusea e iniciamos uma frutífera parceria com João Pedro Bim e André Manfrim, ambos mestrandos da ECA-USP. Foram várias sessões de reunião e muitas trocas de e-mail, além de visualização de provas, até chegarmos ao formato final, atualmente disponível no site do IEB (<https://www.ieb.usp.br/ieb60anos/>). Para tanto,

contamos com a colaboração de todos os setores e com o acompanhamento de Pedro Bolle.

Já para cumprir o segundo propósito, foi preciso recorrer ao DRH e à memória de nossa mais antiga servidora, Maria Izilda Leitão. Foi necessário, também, pesquisar nos documentos do Fundo IEB, diligentemente mantido no Arquivo IEB por Elisabete Ribas. Juliana Frutuoso compilou as listas recebidas. Provavelmente, a versão final não ficou completa, mas tentamos torná-la a mais fiel possível. A inclusão dos nomes nas cenas finais do vídeo foi

um modo de fazer um tributo a todas essas pessoas e reconhecer sua contribuição para o Instituto.

Esperamos, com isso, ter deixado um belo registro deste natalício, augurando vida longa ao IEB!

Diana Gonçalves Vidal

<https://orcid.org/0000-0002-7592-0448>

Ex-Diretora – IEB/USP

Flávia Camargo Toni

Ex Vice-diretora – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-8255-2869>

USP e as Profissões 2022

O IEB participou da Feira USP e as Profissões 2022 com duas atividades, tendo como foco a Semana de Arte Moderna de 1922 e Mário de Andrade.

A primeira ocorreu nos dias 1º e 2 de setembro na sala de Bate-Papo nº 4 das Colmeias, onde pudemos conversar com alunos, pais e professores sobre o protagonismo de Mário de Andrade na Semana de Arte Moderna de 1922 e sua participação em múltiplas áreas de nossa cultura, que vão muito além dos conteúdos vestibulares e ajudam a entender os contextos das obras modernistas.

Já como atividade paralela à Feira, no Espaço do Educativo do IEB, aconteceu no dia 3 de setembro o encontro de profissionais da educação da Escola Beit Yaacov, dentro da atividade do Programa de Atualização para Professores em que conversamos sobre o que representa a Semana de Arte Moderna um século depois de sua realização.

Elly Roza Ferrari

Educadora – Arquivo do IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-1697-4796>



Foto: Pedro Bolle

[usp pensa Brasil)

IEB participa de debate sobre grandes temas nacionais

Entre os dias 29 de agosto e 2 de setembro de 2022, a Universidade de São Paulo promoveu uma intensa semana de reflexão sobre o país, reiterando seu compromisso com a sociedade brasileira. O evento USP Pensa Brasil ofereceu o espaço para o debate dos grandes temas nacionais, assim como de disseminação de conhecimento produzido na universidade. Num ano tão simbólico, o evento concentrou também a produção da USP sobre o bicentenário da Independência e o centenário da Semana de Arte Moderna, com a participação do IEB em diversas mesas.

Participaram da mesa “Semana de Arte Moderna: um legado de problemas e desafios à modernidade brasileira” Monica Dantas, vice-diretora do IEB, que coordenou o debate, e a professora Ana Paula Cavalcanti Simioni, também do IEB, com o tema “Mulheres modernistas”, além de Renata Rocco e Tadeu Chiarelli. A apresentação pretendeu abordar os temas principais discutidos no livro *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*, resultado da tese

de livre-docência de Ana Paula defendida em 2018 junto ao IEB. Nela, a autora discutiu uma particularidade do modernismo no Brasil. A saber, diferindo da maior parte das experiências modernistas internacionais, em que o protagonismo artístico é geralmente atribuído a figuras masculinas, no Brasil Anita Malfatti e Tarsila do Amaral se notabilizaram como grandes pioneiras. Para tanto, a pesquisa se debruçou sobre o processo de reconhecimento dessas artistas, evidenciando que o mesmo não foi homogêneo, mas sim sujeito a oscilações históricas. O terceiro caso analisado no livro é o de Regina Gomi-de Graz. Menos reconhecida que as demais, foi ela a introdutora das artes decorativas no Brasil. Os três casos incitam uma reflexão necessária dentro do campo feminista (geralmente atento às lógicas de exclusão das mulheres artistas do cânone), ao propor que o sucesso das artistas não está imune às lógicas de generificação.

Tivemos a participação do professor Tadeu Chiarelli (professor sênior junto ao Departamento de Pós-Graduação e ao Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP) sobre o tema “A fabricação da Semana: uma história a ser contada”. A apresentação teve como base o seminário “Repercusiones de la Semana de Arte Moderna de 1922 de Brasil en el escenario cultural de la región. Revisión 100 años después”, ocorrido em junho de 2022, que nos mostra uma reflexão sobre o processo de construção do mito da Semana de Arte Moderna de 1922 a partir da instrumen-

talização do evento pelos museus de arte de São Paulo e da Bienal. Na fala, foram salientadas questões ainda pouco discutidas sobre a história da construção da Semana como marco definitivo do modernismo no país.

Contamos também com a contribuição da pós-doutoranda do MAC/USP Renata Rocco, que, com sua apresentação sobre o tema “Para além da Semana de 22: modernismos em circulação”, discutiu as exposições “Projetos para um cotidiano moderno no Brasil, 1920-1960”, em cartaz até meados de 2022, e “Art déco brasileiro. Doação Fulvia e Adolpho Leirner”, que teve início em setembro de 2022, ambas sediadas no MAC/USP. As duas exposições apresentam produções modernas criadas para terem uma circulação ampliada e diversa daquela ligada às chamadas “Belas Artes”. A discussão girou em torno do acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e sua contribuição para os debates atuais sobre o modernismo brasileiro.

Para finalizar a participação do IEB, no painel A USP nos 200 Anos da Independência e 100 Anos da Semana de 22, Walter Garcia apresentou algumas das iniciativas promovidas pelo IEB nos últimos três anos: 1) publicação de onze livros da Coleção Estudos Brasileiros – Paralelos 22, coordenada por Monica Duarte Dantas e Marcos Antonio de Moraes; 2) exposição *Era Uma Vez o Moderno [1910-1944]*, com curadoria de Luiz Armando Bagolin, Maíra Ortins e Fabrício Reiner, evento com entrada gratuita no Centro Cultural Fiesp, em São Paulo, que ainda gerou o lançamento de um livro; 3) Plataforma de Estudos do Primeiro Modernismo Literário Brasileiro, coordenada por Marcos Antonio de Moraes e Frederico Camargo, projeto que reúne em uma base de dados, na internet, “as informações biográficas, a produção escrita e a fortuna crítica de 24 autores ligados ao Modernismo literário brasileiro”; 4) publicação do livro *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*, de Ana Paula Cavalcanti Simioni (São Paulo: Edusp, 2022); 5) lançamento do número 82 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, com o dossiê Paralelos 22, reproduções de obras do indígena e artista Denilson Baniwa e fragmentos do diário de trabalho de Sérgio de Carvalho, responsável pela concepção, pela direção cênica e pela adaptação de *Café*, de Mário de Andrade, ópera apresentada no Theatro Municipal de São Paulo, em maio de 2022. Walter Garcia é professor da área de Música do IEB/USP e editor responsável da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*.



Capa da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros n. 82, com o dossiê Paralelos 22

Pedro B. de Meneses Bolle

<https://orcid.org/0000-0003-3800-9046>
Chefe técnico – Divisão de Apoio e Divulgação – IEB/USP

[acervo)

O acolhimento do Fundo Inezita Barroso - "Cultura caipira"

Durante certo tempo, o acervo do IEB foi conhecido, entre os musicólogos, por abrigar uma breve cantata composta na Bahia em 1759, parte integrante da Coleção Lamego, e o acervo rico e variado acumulado pelo polígrafo modernista Mário de Andrade, adquirido pela Universidade de São Paulo em 1968. A partir de 2001, a chegada do acervo de Camargo Guarneri parece inaugurar, no IEB, o acolhimento de outros acervos musicais, como os de Marcelo Tupinambá, Francisco Mignone e Ivan Lins, para citar apenas alguns. A vinda da coleção que pertenceu a Inezita Barroso anuncia outras possibilidades de abordagem, como os estudos sobre a música do interior do Estado de São Paulo, naquilo que se convencionou chamar de "música caipira".

Ignez Magdalena Aranha de Lima nasceu em 1925 e faleceu aos oitenta anos, sendo conhecida pelo nome artístico que adotou como cantora e atriz, carreiras que abraçou após a formação universitária em biblioteconomia. À sua voz doce e potente logo uniu o acompanhamento ao violão ou à viola caipira, os principais instrumentos com os quais se apresentava em shows e programas de televisão. Mas a consulta a seu acervo, agora patrimônio do IEB, ilustra bem mais do que a sua carreira artística a partir da década



Inezita no palco do Viola, minha viola

de 1950, pois Inezita documentou sua trajetória em álbuns ilustrados com fotografias, artigos de periódicos, contratos, programas, correspondências e bilhetes. Além desses materiais, há ainda cassetes, slides, discos de vinil, discos em goma laca, VHS, CDs, DVDs e partituras.

Além da variedade de tipos documentais, chama a atenção o fato de seu acervo também ilustrar uma pesquisa de campo tão completa, levada a cabo por uma mulher que procurava repertório original para o palco e para os estúdios de gravação. A carreira de Inezita como cantora talvez seja o aspecto mais marcante de sua vida artística, pois até poucas semanas antes de falecer ela manteve um programa de televisão, sempre gravado com a presença de público, em que ela recebia convidados oriundos de vários locais do Brasil.

Em 2018, a proposta de doação do acervo de Inezita Barroso foi encaminhada ao IEB por sua filha, Marta Barroso, e intermediada pelos jornalistas Aloízio Milani e Alexandre Pavan, que no ano anterior foram os consultores da Ocupação Inezita Barroso, apresentada no espaço Itaú Cultural, em São Paulo. São eles os que melhor conhecem hoje a obra e a vida da cantora.

Do ponto de vista do conteúdo musical do acervo, os desafios que se colocam são hoje facilmente abordados, embora requeiram perícia e emprego de tecnologia específica. Trata-se de recuperar os conteúdos contidos em fitas cassete, slides, discos de vinil e discos de 78 RPM, além de suportes mais recentes como fitas em VHS, CDs e DVDs. Eis algumas das fontes que auxiliarão a ampliar o conhecimento sobre a vida e a obra de Inezita Barroso.

Aloízio e Alexandre acompanharam de perto os últimos tempos de vida e trabalho da pesquisadora e cantora inquieta e artista de programa da TV Cultura, como descrevem na publicação que acompanhou a Instalação Inezita Barroso do Itaú Cultural: "Em 2014, apesar da saúde frágil, Inezita gravou 43 edições do Viola, Minha Viola. Também tinha planos de gravar um novo disco e de viajar, queria visitar suas pesquisas escritas e pretendia tomar posse na Academia Paulista de Letras. Não houve tempo. No ano seguinte, aos 90, faleceu de insuficiência respiratória aguda. Maior do que sua extensa discografia e seu rico acervo de pesquisas, o legado de Inezita é do tamanho de sua legião de fãs, um sem-número de amantes espalhados por esse Brasil profundo."

A vintage advertisement for Inezita Barroso. On the left is a black and white photograph of her smiling and playing a guitar. To the right, the text reads: "O CAMINHO DE TODOS: RADIO RECORD - A MAIOR! INEZITA BARROSO Estréia — Sábado, às 20 horas numa gentileza dos tradicionais PRODUTOS Reuter e De Barry na Record - a maior". At the bottom left, it says "PRB 9 ★ RADIO".

Flávia Camargo Toni

Ex-Vice-diretora IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-8255-2869>

[restauro)

“Projeto de restauro: livros da Coleção Mário de Andrade da Biblioteca do IEB”

O conjunto bibliográfico reunido pelo escritor paulista Mário de Andrade, figura central do Modernismo, incorporado ao IEB/USP em 1968, constitui uma das coleções mais consultadas existentes na Biblioteca do Instituto. Trata-se de um acervo de valor cultural inestimável, tombado em 1995 pelo SPHAN e reconhecido como patrimônio material do Brasil.

A Coleção Mário de Andrade pertencente à Biblioteca do IEB é formada por 6915 livros e 6900 exemplares de periódicos, é uma das coleções mais estudadas e consultadas do acervo, tendo frequentemente itens solicitados em empréstimo para exposições nacionais e internacionais e documentários. Abrangendo os mais variados temas, tem como eixos principais literatura, música e cultura popular brasileira, em publicações editadas majoritariamente entre os anos 1920 e 1945.

Uma grande parte dos livros pertencentes a essa coleção, foram publicados em papel de pasta mecânica, produzido a partir de madeira e alta dosagem de produtos químicos que, por um lado garante maior branqueamento ao papel, porém, por outro lado, torna o suporte extremamente ácido, sendo um dos principais

fatores de degradação do papel em conjunto com a poluição, a exposição à luz, calor e umidade.

Por isso, apesar dos constantes esforços de preservação empreendidos ao longo dos anos pelo IEB/USP, tais como higienização das obras e o monitoramento através do controle de temperatura e umidade dos ambientes de guarda, grande parte da coleção vem se deteriorando de maneira acelerada, seja pela ação do tempo ou pela grande demanda de consultas para pesquisas e empréstimos. Além disso, essa coleção guarda obras raras do século 18, com suas encadernações originais, já deterioradas pela ação do tempo, é e também rica em dedicatórias de diversas personalidades importantes para o Modernismo e para a cultura brasileira, bem como em anota-

Imagens de antes, durante e após os tratamentos realizados:



Livro antes do tratamento com suporte extremamente acidificado e quebradiço.

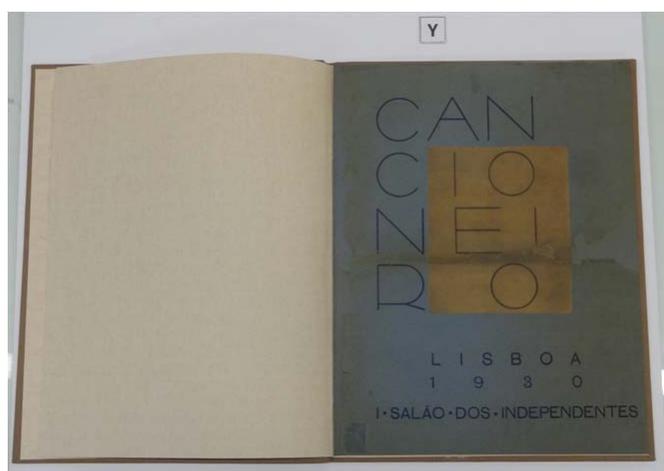


Fixação da escrita (tinta solúvel) com Paraloid B-72



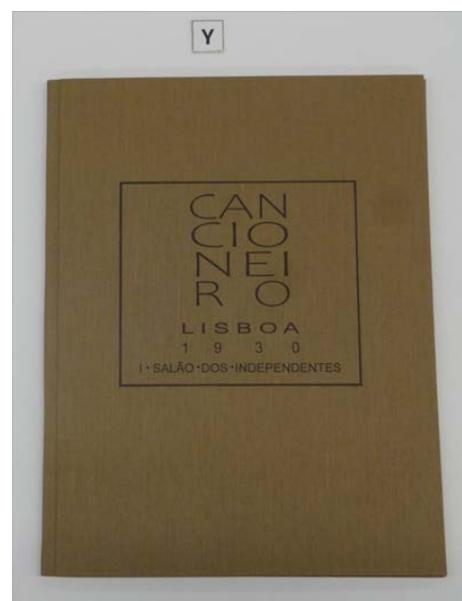
Fotos: Carlos Eduardo Pereira

Tratamento aquoso realizado para desacidificação do papel, além de retirar a sujidade e hidratação do suporte.



Livro após os processos de restauro concluídos.

Confecção de capa dura para maior proteção do livro



ções do poeta, escritas a mão, com tintas solúveis em água ou a lápis (anotações estas que vêm permitindo aos pesquisadores inúmeras descobertas sobre a obra do autor), tornando sua preservação e restauro trabalhos ainda mais complexos.

Assim, visando à preservação desse precioso patrimônio, a equipe do IEB/USP realizou um trabalho de diagnóstico para identificar obras que se encontram em maior risco de degradação e que necessitam emergencialmente de restauro para que possam continuar a ser consultadas e disponibilizadas ao público em geral. Para isso, o IEB disponibilizou recursos para tratar uma parte da coleção, tendo em vista o risco de perda devido ao estado avançado de fragilidade do papel.

A Coleção Marta Rossetti Batista na Biblioteca do IEB

Durante seus recém-completos 60 anos de história, o IEB acolheu e revelou muitas personalidades que se destacam em suas áreas de atuação, dentre as quais a arquiteta e historiadora da arte Marta Rossetti Batista. Pesquisadora e docente do IEB desde 1966, Marta exerceu a vice-diretoria entre 1990 e 1994, tendo chegado a diretoria entre 1994 e 1998.

Como pesquisadora, a dedicação de Marta Rossetti ao universo de Anita Malfatti refletiu-se nos seus esforços para difundir, academicamente, a importância da pintora para a arte nacional, e para além dos limites da universidade, disseminar as obras de Anita em exposições das quais foi curadora em instituições brasileiras e estrangeiras, ministrando também palestras e aulas sobre a vida e obra da mulher que participou da Semana de 22. Em 2006, um ano antes de sua morte, publicou aquela que é considerada ainda hoje a principal referência para os estudos sobre a pintora, Anita Malfatti no tempo e no espaço, vencedora do Prêmio Jabuti.

Em 2008, o acervo de Marta Rossetti Batista foi doado ao IEB por seus familiares, estendendo-se entre Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais, de acordo com a tipologia dos itens que o compõem. Sua biblioteca é formada por cerca de 2650 títulos, em sua maioria, ligados às artes visuais, à arte popular e à arquitetura. Há também exemplares das áreas de agronomia,

Para a realização do serviço de conservação e restauro foi contratado o Atelier de Conservação e Restauro De Vera Artes, tendo em vista sua ampla experiência em conservação e restauro de papel e também experiências anteriores realizadas no acervo da Biblioteca do IEB/USP, notadamente no restauro das obras que participaram da exposição: "Era uma Vez o Moderno 1910 – 1944", realizada no prédio da FIESP na Avenida Paulista, 1.313. e no projeto "Coleção Alberto Lamego IEB-USP: recuperação, formação, digitalização e acesso, entre 2013 e 2014".

O tratamento dos livros está sendo realizado no Laboratório de Conservação e Restauro do IEB, e para esse projeto, contamos com a equipe técnica de con-

servação e restauro do Atelier De Veras, composta pelas conservadoras e restauradoras Lúcia Elena Thomé, Ana Maria Caires Scaglianti, pelos encadernadores Auro Aparecido Pinheiro e Solange Bosque Ruy, pela técnica em conservação e restauro Gabriela Barbosa de Oliveira e pelo auxiliar técnico Carlos Eduardo Pereira. O projeto contemplará todas as etapas necessárias para garantir sua integridade e longevidade, possibilitando que os mesmos continuem sendo objeto de pesquisas e difusão dessa preciosa coleção.

Mônica Ap. Guilherme da Silva Bento
Supervisora Técnica de Serviço IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0002-1446-4848>

geografia, botânica e zoologia herdados de seu pai, Sérgio Rossetti.

Os livros presentes na coleção Marta Rossetti Batista refletem a pesquisadora dedicada às artes, a filha que incorporou ao seu acervo os interesses do pai, a esposa que compartilhava assuntos com o marido, a professora estimada por seus colegas e alunos. As dedicatórias encontradas nas publicações são marcadas por vocativos como "Querida Marta", "Amiga Marta", "Professora

Volpi, Chagall, Di Cavalcanti, Rebolo, Galvez, Lasar Segall, Aleijadinho, entre outros. Completam a coleção obras sobre teoria e crítica de arte em diversos idiomas, além dos periódicos estrangeiros, como L'architettura Italiana e L'Architecte, e uma reunião de cerca de 300 catálogos das muitas exposições que frequentou, daquelas realizadas durante seu período na direção do Instituto ou de que foi curadora, das quais se destacam "Mário faz 100 anos: 100 obras Primas da Coleção Mário de Andrade"; "Victor Brecheret – Centenário de Nascimento"; "Centenários Modernistas III: Lasar Segall"; "Saudades de Minha Terra – Blaise Cendrars"; Raphael Galvez – 70 anos de arte".

A coleção, identificada na Biblioteca pela sigla MRB, está em fase avançada de processamento técnico e vem sendo disponibilizada gradativamente no catálogo Dedalus (colocar link na palavra Dedalus: http://dedalus.usp.br/F/EC6V3L-V5JIGPDNL5AA84N5TEK-8JIBX6D7EJ4S4QKH68GC6S5I4-22773?&pds_handle=GUEST). O conjunto já acessível pode ser consultado presencialmente de segunda a quinta-feira, das 13h30 às 17h, mediante agendamento pelo endereço: atendimento.bibieb@usp.br



Catálogos de exposições presentes na Coleção Marta Rossetti Batista

Marta" e finalizadas com cumprimentos "Com carinho", "Um grande abraço", "Saudades", evidenciando sua proximidade com companheiros de trabalho e discentes.

Nas artes plásticas, além de seus estudos aprofundados sobre Anita Malfatti e Mário de Andrade, as obras de sua coleção contemplam artistas como

Daniela Piantola
Supervisora da Biblioteca do IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0002-4869-8618>
Denise de Almeida Silva
Funcionária da Biblioteca do IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0003-2196-8152>

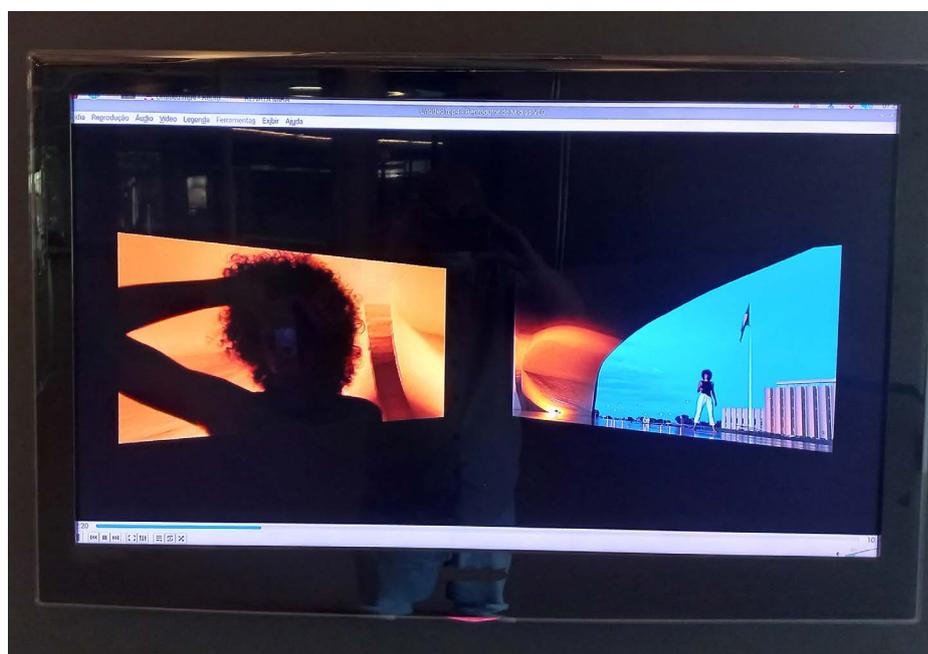
[exposição)



Watú não está morto!

Watú é o nome em língua krenak para o Rio Doce, fonte de vida e alimentos para o povo desta etnia até a sua contaminação causada pelo rompimento da barragem do Fundão, em novembro de 2015, em Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana, Minas Gerais. O rio foi considerado morto naquela ocasião em razão da quantidade de dejetos tóxicos da lama da mineração que vazaram para toda a extensão do seu leito. Apesar da tragédia, Ailton Krenak, líder indígena, escritor e ambientalista, decretou que Watú não está morto!. O espírito do rio permanece e ainda resiste, servindo ao mesmo tempo como um alerta a todos nós sobre a grande catástrofe que se avizinha caso continuemos destruindo a natureza em prol do progresso material a qualquer custo e do consumo desenfreado estimulado pelo capitalismo.

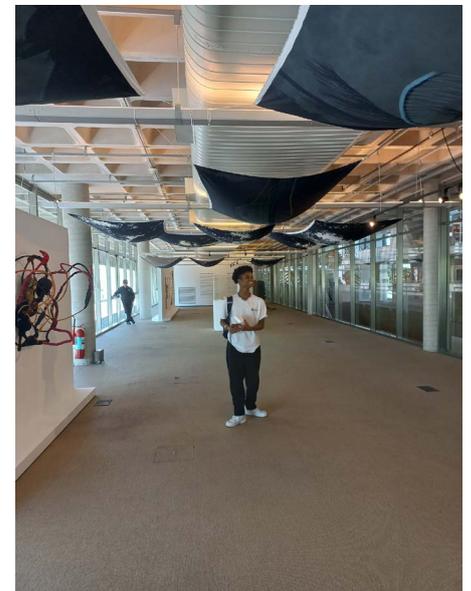
A exposição que propusemos para o Instituto de Estudos Brasileiros neste



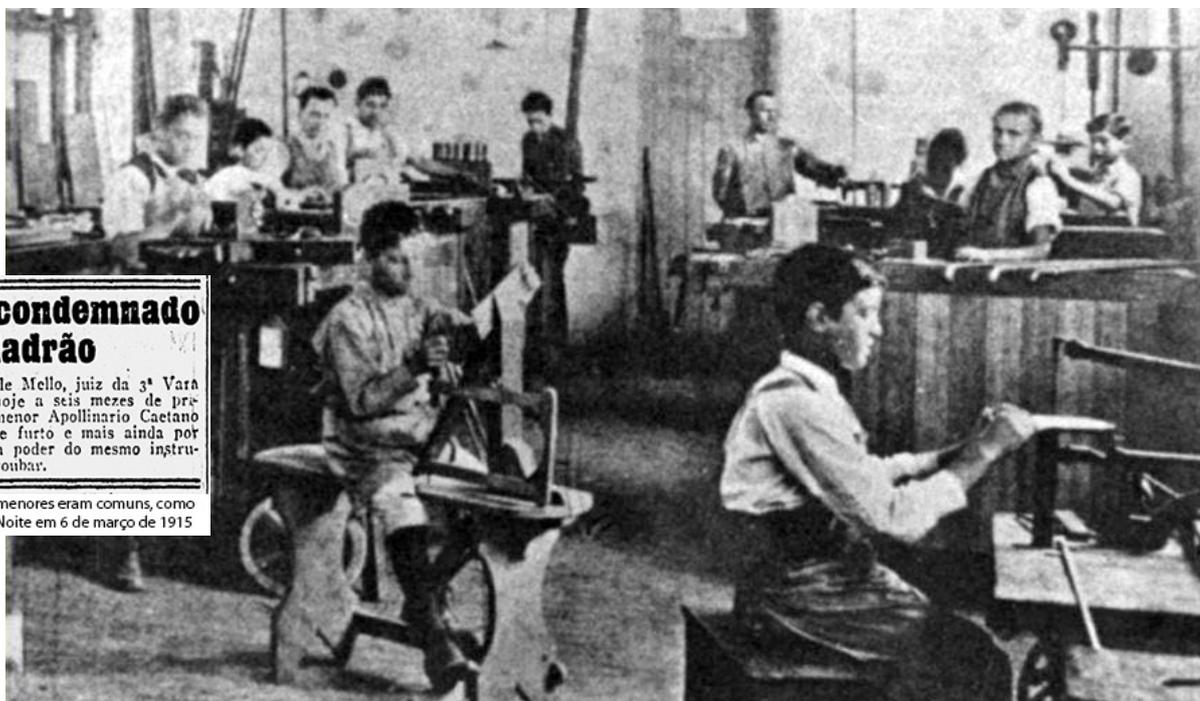
ano de 2022, como parte das comemorações de seus 60 anos de existência, parte do mote krenak para reunir onze artistas brasileiros pela primeira vez nos seus espaços de exposição e convívio. O objetivo é refletir sobre o Brasil atual a partir de diversos aspectos: sociais, culturais, étnicos e históricos. Os temas abordados estão relacionados a pautas prementes tais como a questão de gênero e de raça, a destruição das florestas e dos povos originários, a relação de dependência cada vez maior do indivíduo contemporâneo dos meios tecnológicos e o lugar do Brasil no plano global de desenvolvimento para o qual países pobres são vistos apenas como locais de extração de matéria prima bruta, entre outras. Interessou-nos, em particular, pensar sobre o apagamento da produção intelectual e artística de mulheres, negros, lgbtqi+, pobres, nordestinos, indígenas e pessoas que vivem em periferias. Neste sentido, os artistas participantes expressaram através de suas respectivas poéticas representações abrangentes, às vezes mais diretas, outras vezes mais indiretas sobre o país no qual vivemos atualmente a partir de uma perspectiva não acadêmica. É importante que o Instituto tenha a oportunidade de receber manifestações dessa natureza, partilhando os seus acervos e esforços de pesquisa com produções artísticas que em geral excedem as missões da universidade. Watú não pretendeu também separar o plano estético do político. Pelo contrário, a exposição demonstra de modo contundente, a partir de uma diversidade de posições, lugares de origem e afirmações de gênero não binário, como o Brasil está permanentemente em xeque por conta da violência (que é histórica), da injustiça social, do apagamento da memória coletiva, da destruição da natureza e do cerceamento do povo às riquezas tão prometidas pelos mandatários no poder de todas as épocas. Mas apesar de todos os percalços e dificuldades, apesar do medo e do terror da volta do fascismo e do autoritarismo, ainda temos perspectiva de futuro se pudermos resistir e agir no sentido de uma construção solidária do mesmo. Talvez esta seja a mensagem comum nas diversas obras expostas aqui. Participam do projeto as artistas Agrippina R. Manhattan, Cinthia Marcelle, Gê Viana, Gu da Cei, Lyz Parayzo, Luana Vitra, Luisa Puterman, Sabyne Cavalcanti, Sônia Gomes, Tetta Marie Carangi e Uyra Sodoma.

Os curadores:

Luiz Armando Bagolin
Professor IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0001-6513-2846>
Maíra Ortins
Fabício Reiner



[pesquisa)



Um menor condenado por ladrão

O Dr. Albuquerque de Mello, juiz da 3ª Vara Criminal, condenou hoje a seis meses de prisão com trabalhos, o menor Apollinario Caetano da Silva, pelo crime de furto e mais ainda por ter sido encontrado em poder do mesmo instrumentos próprios para roubar.

Notícias sobre prisões de menores eram comuns, como a publicada pelo jornal A Noite em 6 de março de 1915

Crianças trabalham em fábrica de sapatos no início do século 20. Em 1927, a atividade dos menores de 12 anos ficou proibida
Fonte: Agência Senado

O direito de correção do menor (1840-1930)

O projeto de pesquisa “O direito de correção do menor (1840-1930)”, contemplado com a bolsa Jovem Pesquisador da Fapesp, tem por viés o desenvolvimento da área História do Direito e das instituições ao seio do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Trata-se, portanto, de múltiplos esforços, tanto em sentido epistemológico, com aproximação entre teorias do direito e da história, como em sentido metodológico, com apropriação de ferramentas historiográficas aplicadas ao domínio do jurídico, fazendo com que o projeto crie um diálogo acadêmico e institucional fértil, notadamente entre as Faculdades de Direito e o IEB. O tema da “infância e juventude” servirá apenas de pivô ao desenvolvimento de metodologias e pesquisas histórico-jurídicas em franca

abertura intelectual a problematizações em torno de objetos pertinentes à história e experiências nacionais, buscando sempre a colaboração e interlocução com pesquisadores estrangeiros. Neste sentido, o projeto visa, também, conectar pesquisas e saberes produzidos em diversos países e ampliar a rede de colaboradores já existente ao seio do IEB pelo desenvolvimento de uma agenda de pesquisa em história do direito.

Com relação ao tema do projeto, a expressão “correção do menor” deve aqui ser entendida de modo amplo, como toda proposta pensada (ainda que utopicamente) e/ou regulada pelo direito, com a finalidade de emendar uma conduta considerada como desregrada ou desviante. Para o período histórico proposto, o direito de correção do menor tem a particularidade de ter sido concebido – e organizado institucionalmente – na complexidade Estado-família. A necessidade de emendar e corrigir o menor pressupõe, por outro lado, a existência de comportamentos de referência, modelizados e exemplares, a serem seguidos na sociedade e transmitidos aos menores por seus familiares e responsáveis, bem como pelas instituições. Isso denota, portanto, um esforço para

conhecer mentalidades e valores aspirados por mulheres e homens – e pela sociedade como um todo – em determinado momento histórico.

O projeto procura, enfim, encarar o conceito de menoridade como uma construção histórico-social e compreender de que modo o seu conteúdo esteve atrelado à visão idílica e patriótica da criança concebida como um futuro cidadão. Não somente a análise dos discursos, mas também da legislação e da prática institucional e judicial, pode nos dar a tônica e a dinâmica dos processos históricos nessa questão. O desafio aqui é dialogar com as diferentes categorias jurídico-sociais de menores – escravizados, ingênuos, pobres, delinquentes, órfãos, filhos-família – e seu entrelaçamento entre as esferas privada e pública. As narrativas dos contemporâneos e o modo do tratamento jurídico e institucional dado a cada uma dessas categorias compõem a complexidade do direito de correção do menor.

Alan Wruck Garcia Rangel
Pesquisador JP da Fapesp
Instituto de Estudos Brasileiros
<https://orcid.org/0000-0001-9587-9895>